

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS
CONCURSO PÚBLICO – CARREIRA TÉCNICO-ADMINISTRATIVA – EDITAL Nº 11/GR-IFCE/2016
CARGO: REVISOR DE TEXTOS

LÍNGUA PORTUGUESA

Texto I

*Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada*

*Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive*

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaçoide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

*E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
– Lá sou amigo do rei –
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada*

*(Vou-me embora para Pasárgada. Manuel Bandeira.
"Bandeira a vida inteira". Alumbamento, Rio, 1986, p. 90)*

01. Sobre o texto, é **correto** afirmar-se que

- A) o poeta exalta a vida bucólica em uma terra distante para a qual deseja retornar.
- B) é um poema centrado no desejo do poeta de escapar de sua dura realidade.
- C) o eu-lírico se foca na busca incessante de novos e diferentes prazeres.
- D) o poeta apresenta um sentimento nostálgico que o leva de volta à juventude.
- E) a busca pelo poder é o que incita o poeta a deixar sua terra e ir para *Pasárgada*.

Texto II

Como o Estado Islâmico consegue sobreviver a ataques

A recaptura, por forças iraquianas, de grandes partes de Ramadi, que estava sob domínio do grupo autodenominado Estado Islâmico, marca o mais recente revés do grupo extremista após este ter perdido outros locais, como Tikrit, Sinjar e Baiji. Mas, apesar das derrotas – e de mais de um ano de bombardeios aéreos –, o Estado Islâmico mostrou ser incrivelmente resistente. O grupo extremista recapturou parte do território perdido na Síria central e no leste, consolidou seu domínio sobre áreas no entorno da cidade de Raqqa, no norte, e continua dominando a segunda maior cidade do Iraque, Mosul. Como já aconteceu em outros casos, vitórias táticas não se traduziram em uma derrota estratégica do EI. E há motivos para isso.

“O Daesh (acrônimo depreciativo em árabe para o EI) se intensifica e ataca praticamente a cada dois meses. O presidente da Síria, Bashar al-Assad, e seus aliados nos bombardeiam em massa a cada meia hora. Você pode calcular as mortes resultantes”, diz um ex-combatente rebelde, que não quis ser identificado. Se a prioridade de combater Assad é clara entre a oposição armada na Síria, a descentralização das estruturas de comando e controle dos rebeldes pode e vai causar grandes reveses para a estratégia proposta pela coalizão liderada pelos EUA. Mas, infelizmente, esse não é o único problema.

Se comparado ao regime do Talibã, que caiu em uma campanha de dois meses com ataques de forças ocidentais coordenadas e de forças rebeldes islamitas afegãs e seculares, descentralizadas, o EI prova ser mais resiliente.

Até agora, o EI sobreviveu a mais de oito mil ataques aéreos e à morte de mais de 10 mil de seus combatentes desde o início da campanha de bombardeios, de acordo com o Departamento de Defesa americano. Mesmo assim, a organização não tem grandes problemas para recrutar e mobilizar, principalmente depois da intervenção da coalizão ocidental. Sua resposta aos ataques aéreos tem sido dispersar e esconder equipamentos e se misturar a civis, quando não está sob ataque direto.

O Estado Islâmico ainda tem capacidade de surpresa tática e de tirar vantagem de batalhas espaciais fluidas e confusas. O grupo também mudou sua estratégia de terror em relação a cidades ocidentais. Antes dos ataques aéreos, houve um ataque ligado ao EI em uma cidade ocidental. Desde o início dos bombardeios, foram mais de 25. Mas isso não quer dizer que o EI não será derrotado em algum momento.

Retirado e adaptado de: www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151215_analise_forca_estado_islamico_lab

02. De acordo com o texto,

- A) apesar de ter perdido milhares de seus combatentes, o Estado Islâmico continua tendo bastante força em regiões do Iraque e da Síria.
- B) a resiliência do Estado Islâmico tem a ver com sua grande capacidade militar, especialmente a de combate aéreo.
- C) o autor do texto perdeu toda a esperança de que um dia o Estado Islâmico possa ser derrotado.
- D) os Estados Unidos e o presidente sírio fazem parte de uma coalizão para combater o Estado Islâmico.
- E) o Estado Islâmico foi derrotado na cidade iraniana de Ramadi, mas conseguiu recapturar a cidade de Raqqa, que fica no norte da Síria.

03. Estão grafadas **corretamente** as palavras

- A) essência, impecilho, quisestes.
- B) obsecado, amortização, persuasão.
- C) exceção, assessoria, ânsia.
- D) repercussão, pretencioso, sucinto.
- E) limpeza, esplendor, excessivo.

04. Uma das palavras **mal** e **mau** está empregada **corretamente** na frase da opção

- A) *Mal* chegou ao apartamento, começou a telefonar para os parentes.
- B) O chefe está muito estressado. Creio que ele esteja de *mau* com a vida.
- C) Os documentos estavam *mau* dispostos sobre a mesa, então ninguém sabia por onde o processo se iniciava.
- D) Deve-se evitar fazer o *mau* às pessoas.
- E) Seu *mal* humor ultrapassa todos os limites.

05. São acentuadas pela mesma regra:

- A) papéis, heróis, baús.
- B) nós, sofá, pajé.
- C) bíceps, árvore, patético.
- D) pôde, pôr, mês.
- E) saúde, baía, egoísmo.

- D) Hoje, mais da metade da população está acima de peso.
- E) Tua irmã, aluna do quarto ano, já está dispensada.

15. “Naquele momento, depois de tantos anos no comando da organização, aproximou-se a passos largos e determinados do **apogeu** de sua carreira”.

Sem prejuízo do sentido do enunciado, a palavra destacada pode ser substituída por

- A) aclave.
- B) auge.
- C) devaneio.
- D) ocaso.
- E) crepúsculo.

16. A palavra destacada está empregada **inadequadamente** em

- A) A família **emigrou** do Canadá no início da década de 90.
- B) O projeto para **discriminar** o uso da maconha foi negado.
- C) A bandeira é **arriada** todo dia no final da tarde.
- D) O poeta **comprimentou** a jovem com um aceno.
- E) As decisões podem **diferir** segundo os países.

17. Está empregada em sentido conotativo uma palavra da frase da opção

- A) A Praça da Sé é localizada no coração da cidade de São Paulo.
- B) Demoraram dois dias para concluir a coluna.
- C) Os domadores conseguiram dominar a fera.
- D) O animal foi abatido, e sua carne foi distribuída aos aldeões.
- E) Ela fala daquela forma apenas para causar inveja aos colegas.

18. São palavras polissêmicas as destacadas da opção

- A) I. O funcionário levou o **papel** timbrado.
II. A **papelada** está na mesa do diretor.
- B) I. O peão colocou a **sela** no cavalo e continuou a viagem.
II. A **cela** da prisão causava pavor a todos.
- C) I. O compositor escreveu a **letra** da canção para os seus pais.
II. A **letra** do seu filho tem melhorado bastante nos últimos meses.
- D) I. A previsão foi **ratificada** pelas fortes chuvas.
II. A correia foi **retificada** pelos mecânicos.
- E) I. Dizem que ela **cura** qualquer tipo de doença.
II. Os médicos afirmam que o **remédio** para a doença será criado em poucos anos.

19. De acordo com a redação de correspondências oficiais, é **verdadeiro** afirmar-se que

- A) o *memorando* é a modalidade de comunicação que ocorre entre unidades administrativas de órgãos diferentes que podem estar hierarquicamente em mesmo nível. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente externa.
- B) os pronomes de tratamento são empregados de acordo com o cargo ou a função do destinatário.
- C) o *ofício* é uma forma de comunicação oficial expedida exclusivamente pelos Ministros de Estado.
- D) a *mensagem* é o instrumento de comunicação bastante utilizado, tanto na esfera municipal, somente por prefeitos e vereadores, como na esfera estadual, somente por deputados e governadores.
- E) o *aviso* tem por finalidade o tratamento de assuntos oficiais e é enviado somente para órgãos privados.

20. Em relação ao *ofício*, é **correto** dizer-se que

- A) tem que ser assinado por três funcionários.
- B) o fecho é constituído da expressão **pede deferimento**.
- C) é utilizado apenas por autoridades jurídicas.
- D) o local e a data são dispensados.
- E) tem algumas semelhanças estruturais com o memorando.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

As questões de 21 a 30 baseiam-se no texto 1.

TEXTO 1 – HISTÓRICO DA REVISÃO TEXTUAL

1 Houve tempo em que os revisores eram pessoas de grande preparo intelectual. Segundo Arezio (1925:10), “as
2 constantes divergências de crenças religiosas e a falsa interpretação dos textos sacros deram lugar a discussões e
3 controvérsias. Daí a necessidade de formarem um corpo de revisão, entre os homens de maior fama intelectual e
4 erudição comprovada, para fazerem a correção ou a revisão dos manuscritos antigos, dando-lhes nova forma,
5 alterando-lhes os períodos, de modo que as subseqüentes edições saíssem isentas daqueles senões”.

6 A instituição da revisão de provas tipográficas provocou à época, na França, a revolta dos copistas, que se
7 insurgiram contra a inovação da reprodução por meio da tipografia. Muito bem relacionados com a nobreza reinante,
8 conseguiram o apoio do parlamento francês, para condenar os impressores (proprietários de tipografias ou editores) e
9 colaboradores à perda dos seus bens. Era mais um momento da história em que a ignorância prevalecia, já que novos
10 métodos eram considerados, com base na religião, obra do demônio. Os impressores, perseguidos, obviamente
11 continuaram a trabalhar, embora na clandestinidade. E os copistas continuaram a copiar os breves e as orações, por seu
12 método primitivo. Mas os erros passaram a frequentes. Os copistas já não atendiam à demanda. Em consequência, a
13 clientela, gradativamente, acabou por procurar outros recursos. Se os copistas, que se julgavam de extrema
14 competência, deixavam passar erros, os impressores também – estes últimos acusados pelos primeiros de adulterar os
15 livros. Assim, dos impressores, quem mais se preocupasse com a revisão adquiria fama pelas edições corretas. Ao se
16 referir aos impressores Ulrich Gering, Martin Krantz e Michel Friburger, que se instalaram na Sorbonne, Arezio (1925:
17 10) dá conta de que “liam as primeiras provas antes de começar a impressão, para que elas saíssem escoimadas dos
18 erros da caixa ou dos cometidos pelos tipógrafos”.

19 O desenvolvimento da indústria da impressão tipográfica e a prática de emendar (corrigir), a partir de provas de
20 prelo – de prensa ou rolo –, abriram campo para profissionais encarregados de acompanhar os autores na leitura das
21 provas. Precursores dos atuais revisores de texto, eram eles comumente “os tipógrafos mais inteligentes e mais
22 eruditos”.

23 Antigamente, os erros das primeiras edições eram corrigidos a pena. Citando o Manual de tipografia, de R. Ogier,
24 de 1832, Arezio (1925: 12-3) informa que, nas obras de Gering, não se usava a errata. “Esta apareceu, pela primeira vez,
25 na edição do *Juvenal*, impresso em Veneza, por Gabriel Pierres, 1478, e constava de duas páginas.” Duas páginas de
26 errata deixam qualquer revisor em maus lençóis – o escritor Néelson Rodrigues dizia que “o único erro que merece a
27 pena de fuzilamento é o erro de revisão”.

28 A despeito de os revisores se desdobrarem na correção geralmente difícil e custosa, muitas vezes a atenção é
29 comprometida pelo cansaço, e sempre acaba havendo lugar para a abominável errata ao final.

30 O escritor cubano Antón Arrufat (*De la pequeñas cosas*, 1935) faz uma reflexão sobre a “insidiosa errata” e fala
31 da preocupação quase doentia do poeta Baudelaire com os erros tipográficos. Outros mais eram cuidadosos, pois
32 tinham na errata um atestado de incompetência. O impressor Estienne Dolet exaltava tanto a revisão, que pregava suas
33 provas tipográficas na porta da oficina, “dando um prêmio àqueles que nelas descobrissem um pastel”. (AREZIO,
34 1925:13)

35 Dolet era poeta, escritor, orador, revisor. Viveu no séc. XVI e foi contemporâneo de Marot e de Rabelais
36 (considerados dois dos maiores escritores franceses na década de 1530). Antes de se projetar, era revisor em Lyon,
37 quando compôs o *Pantagruel e o Gargantua*. A máxima “andar com bons, para se tornar um deles” funcionou para
38 Dolet. “Do convívio com os homens ilustrados daquela época, Dolet se propôs a revedor de provas da imprensa:
39 dedicou-se à literatura e ganhou nome entre os principais autores franceses”, afirma Arezio.

40 Apesar de sistemático e exigente, e de oferecer prêmios a quem apontasse falhas em suas obras, Dolet não
41 conseguiu se livrar da abominável errata. Em 1925, Arezio comenta que a obra-prima da arte tipográfica, os
42 *Comentários da língua latina* (2 v., 1536-1538), de Dolet, com 854 páginas, contou com apenas oito erros de revisão
43 compondo a errata ao fim do segundo volume.

ARISTIDES, Coelho Neto. **Além da revisão**: critérios para revisão textual. Brasília: Editora SENAC – DF, 2013.

21. Com base no texto, considere as seguintes afirmativas.

- I. O preparo dos revisores mais antigos se dava por uma formação intelectual, ao entrar em contato com outros homens ilustrados daquela época.
- II. Os copistas e os impressores eram concorrentes dos revisores da época, mas, mesmo com o apoio da nobreza, aqueles ainda tinham mais respaldo social.
- III. O perfeccionismo deve ser um atributo imprescindível do trabalho do revisor, tendo em vista que uma errata representava um atestado de incompetência.

IV. A notabilidade de Dolet deveu-se, principalmente, pelo seu rigor e competência, embora tenha reconhecido falhas, elaborando uma errata.

Estão **corretas**:

- A) I e II. B) III e IV.
C) II e III. D) I e III.
E) I e IV.

22. Observe o seguinte período do texto:

“Precursores dos atuais revisores de texto, eram eles comumente ‘os tipógrafos mais inteligentes e mais eruditos’” (linhas 21 e 22).

Sobre a construção sintática desse período, considere as seguintes afirmativas e marque apenas o que for correto.

- I. A vírgula entre “texto” e “eram” está inadequada, tendo em vista que está separando o sujeito da oração de seu complemento.
- II. Funcionando como uma oração especificativa intercalada do sujeito “eles”, o trecho “Precursores dos atuais revisores de texto” está deslocado de sua posição canônica.
- III. O trecho “os tipógrafos mais inteligentes e mais eruditos” tem a função de apresentar atributos acerca do sujeito desse período simples por coordenação.
- IV. Com função apositiva, portanto, explicar, especificar, o trecho “Precursores dos atuais revisores de texto” inicia o período para enfatizar a qualidade dessa informação.

Estão **corretas**:

- A) II e IV. B) I e II.
C) I e III. D) III e IV.
E) II e III.

23. Acerca das informações do texto, é **certo** dizer-se que

- A) a revolta dos copistas foi um revide devido à ascensão e ao reconhecimento social dos revisores.
- B) a clandestinidade do trabalho dos impressores significava um protesto à procura pelos revisores.
- C) no início, o trabalho do revisor se deu para dissolver possíveis dúvidas dos manuscritos sacros antigos.
- D) com os novos métodos tipográficos, os impressores foram amaldiçoados, já que eram considerados do demônio.
- E) a elaboração de uma errata, para o revisor, é prova de competência, por conseguir identificar suas falhas.

24. Sobre a construção do texto em análise, considere sua relação com outros textos.

- I. De caráter constitutivo, a polifonia tem a ver com o conjunto de vozes discursivas que, organizadas em forma de texto, compõe os dizeres de uma prática discursiva.
- II. Como os textos completos de Arezio, de Rodrigues e de Dolet não aparecem no texto em análise, são exemplos de intertextualidade implícita.
- III. Como exemplo de polifonia, o texto lido apresenta vozes, principalmente do discurso científico, do filosófico e do literário.
- IV. A errata elaborada por Dolet representa um exemplo de intertextualidade, tendo em vista que foi um texto construído a partir de outro.

Estão **corretas** as afirmativas

- A) I e IV. B) I e II.
C) II e III. D) II e IV.
E) I e III.

25. Na passagem: “**A despeito de** os revisores se desdobrarem na revisão geralmente difícil e custosa, muitas vezes a atenção é comprometida pelo cansaço...” (linhas 28 e 29), para que o sentido permaneça o mesmo, o conector destacado deve ser substituído por

- A) sob pretexto de. B) à guisa de.
C) com o fito de. D) à mercê de.
E) sem embargo de.

26. Com relação à pontuação do texto, é **correto** afirmar-se que

- A) na oração “A instituição da revisão de provas tipográficas provocou à época, na França, a revolta dos copistas” (linha 6), as vírgulas têm a função de isolar um adjunto adverbial de tempo deslocado.

21 grandes pensadores a exigirem sempre mais de si mesmos.

22 Ainda assim, foi o principal introdutor, nos meios científicos brasileiros, de uma série de teorias linguísticas que,
23 se hoje têm ampla difusão entre nós, é precisamente graças a ele: análise da conversação, linguística textual,
24 pragmática linguística, relações fala/escrita, linguística cognitiva... Marcuschi era inflexível quanto à sua recusa de
25 qualquer teoria sobre a linguagem que desconsiderasse a atividade humana, a interação social, a inevitabilidade de
26 incluir o falante e seus interlocutores na análise de toda e qualquer manifestação verbal oral ou escrita. Algo que
27 aprendi com ele e que repito a todo momento é que a linguagem é um trabalho efetuado pelas pessoas em interação
28 social. Não se trata, portanto, de mero uso, como se a língua fosse uma caixa de ferramentas: trata-se de ação. Para
29 ele, o formalismo paroxístico da linguística chomskiana, por exemplo, era nada menos do que um “escândalo
30 científico”, conforme escreveu certa vez.

31 Sei que todas as pessoas que, como eu, fomos suas alunas e alunos e tivemos o privilégio incalculável de conviver
32 com ele, dentro e fora de sala de aula, vamos conservar a influência decisiva implantada em nós por um homem que
33 viveu exclusivamente para o estudo e para a construção do conhecimento. Dono de uma franqueza absoluta, sem
34 meias palavras e sem concessões, enunciava suas opiniões e seus ensinamentos num incontornável sotaque gaúcho
35 que, até hoje, ecoa em nossos ouvidos como o traço distintivo desse intelectual como poucos que o Brasil tem
36 produzido. Por isso, na dedicatória que lhe fiz num dos meus livros, escrevi que Marcuschi é a pessoa “que me ensinou
37 muito do que ainda vou aprender”.

Disponível em: <http://www.parabolaeditorial.com.br/blog/entry/luiz-antonio-marcuschi.html/>. Acesso em 2 nov. 2016

31. Sobre o texto, é **correto** pressupor-se que

- A) o planejamento do autor, para cursar as disciplinas com o professor Marcuschi, aconteceu desde a primeira, marcante e transformadora experiência em sua vida.
- B) Marcuschi demonstrava não ter apego, egoísmo ou mesquinhez em não exigir direitos autorais pelos textos apresentados em conferências.
- C) a referência a “aulas de corte e costura ou de culinária tailandesa” revela que Marcuschi era um professor de múltiplas habilidades.
- D) a opinião dos alunos acerca das aulas do professor Marcuschi era unânime, em tom elogioso, saudosista e de agradecimento.
- E) o número reduzido de publicações do autor do texto se deve pelos sucessivos acréscimos a cada nova informação.

32. São expressões que se referem exclusivamente ao referente “Marcuschi”:

- A) “ele” (linha 4), “suas fontes” (linhas 13 e 14), “principal introdutor” (linha 22).
- B) “professor” (linha 4), “lhe” (linha 10), “falante” (linha 26).
- C) “seu” (linha 14), “ele” (linha 23), “me” (linha 36).
- D) “um” (linha 3), “todos” (linha 4), “ele” (linha 5).
- E) “outro” (linha 13), “intelectual” (linha 13), “exclusivo” (linha 14).

33. Há um exemplo de elipse, uma estratégia referencial coesiva, na opção

- A) “Marcuschi era inflexível quanto à sua recusa de qualquer teoria sobre a linguagem que desconsiderasse a atividade humana” (linhas 24 e 25).
- B) “Eu dizia aos colegas que, se ele oferecesse aulas de corte e costura ou de culinária tailandesa, eu estaria sempre na primeira fila” (linhas 5 e 6).
- C) “Para ele, o formalismo paroxístico da linguística chomskiana, por exemplo, era nada menos do que um ‘escândalo científico’” (linhas 28 a 30).
- D) “Uma prática que outro ex-aluno dele definiu como generosidade intelectual” (linha 13).
- E) “Uma colega me confessou, certa vez, que saía daquelas aulas com dor de cabeça” (linha 9).

34. Constitui um marcador discursivo temporal que dá sequência ao desenvolvimento de uma ideia imediatamente anterior:

- A) “certa vez” (linha 9).
- B) “Quando” (linha 1).
- C) “A partir dali” (linha 3).
- D) “em outra ocasião” (linha 18).
- E) “até hoje” (linha 35).

35. Considere as seguintes afirmativas acerca das estratégias argumentativas, para enaltecer o trabalho de Marcuschi.

- I. o uso de expressões, para se referir a seu trabalho, como “generosidade intelectual” (linha 13), “introdutor nos meios científicos brasileiros de uma série de teorias linguísticas” (linha 22) e “dono de uma franqueza absoluta” (linha 33).
- II. a menção do fato de “sem meias palavras e sem concessões, enunciar suas opiniões e seus ensinamentos num incontornável sotaque gaúcho” (linhas 33 e 34).
- III. apresentação do seu vasto domínio teórico, com destreza, ao possibilitar fato de fazer “percorrer as principais trilhas do pensamento filosófico ocidental” (linha 7).

IV. a forma como os textos eram apresentados nas conferências e reapresentados em outra ocasião, revelando instabilidade ideológica.

Estão **corretas**:

- A) III e IV. B) I e II.
C) II e IV. D) I e III.
E) II e III.

36. O vocábulo “pouquíssimas” (linha 2) está de acordo com a Gramática Normativa, pois se trata de gradação sintética. Sobre a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos, é possível encontrarmos duas formas: uma erudita (antiga) e outra vernacular (atual). Considerando-se essa informação, as duas formas, tanto do ponto de vista gramatical quanto ortográfico, estão **corretas** em

- A) ágil – agilíssimo ou agilíssimo. B) amargo – amaríssimo ou amarguíssimo.
C) baixo – pequeno ou baixíssimo. D) doce – docíssimo ou docíssimo.
E) manso – mansíssimo ou mansuetíssimo.

37. A expressão grifada deve receber acento indicativo de crase, como a destacada em “entregava as páginas com o texto que tinha acabado de ler, para que as pessoas fizessem cópias **à vontade**, sem nenhuma restrição, sem nada pedir em troca” (linhas 15 a 17), em

- A) Ele concluiu a revisão do trabalho **a duras penas**.
B) O revisor trouxe **a lume** questões delicadas sobre seu ofício.
C) O autor não deve contatar o revisor **a toda hora**.
D) **A rigor**, o trabalho do revisor ainda não é bem reconhecido.
E) O revisor de texto deve falar **as claras** sobre os problemas textuais que encontrar.

38. No fragmento “Porque Marcuschi compartilhava suas fontes com absoluta prodigalidade” (linhas 13 e 14), utilizou-se a forma correta “porque”. Também está **corretamente** empregada uma das quatro formas do porquê, em

- A) Sempre ansiei por que me explicasse os motivos de sua desistência.
B) Seria bom avaliarmos porquê, no final da reunião, havia menos da metade dos funcionários.
C) Deve haver muitos porques que justificam os problemas ocorridos ontem.
D) As ruas porque passo apresentam inúmeros problemas de saneamento e iluminação.
E) Depois de explicar todos os porques, o professor se retirou.

As questões de 39 e 40 baseiam-se no texto 3.

TEXTO 3 – O GIGOLÔ DAS PALAVRAS

1 Quatro ou cinco grupos diferentes de alunos do Farroupilha estiveram lá em casa numa mesma missão,
2 designada por seu professor de Português: saber se eu considerava o estudo da Gramática indispensável, para
3 aprender e usar a nossa ou qualquer outra língua. Cada grupo portava seu gravador cassete, certamente o
4 instrumento vital da pedagogia moderna, e andava arrecadando opiniões. Suspeitei de saída que o tal professor lia
5 esta coluna, se descabelava diariamente com as suas afrontas às leis da língua, e aproveitava aquela oportunidade
6 para me desmascarar. Já estava até preparando, às pressas, minha defesa (“Culpa da revisão! Culpa da revisão!”). Mas
7 os alunos desfizeram o equívoco, antes que ele se criasse. Eles mesmos tinham escolhido os nomes a serem
8 entrevistados. Vocês têm certeza que não pegaram o Veríssimo errado? Não. Então vamos em frente.

9 Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada
10 exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da Gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as
11 outras são dispensáveis. A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não
12 necessariamente certo. Por exemplo: dizer “escrever claro” não é certo, mas é claro, certo? O importante é comunicar.
13 (E, quando possível, surpreender, iluminar, divertir, mover... Mas aí entramos na área do talento, que também não
14 tem nada a ver com Gramática.) A Gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas, e aí é de
15 interesse restrito a necrólogos e professores de Latim, gente em geral pouco comunicativa. Aquela sombria gravidade
16 que a gente nota nas fotografias em grupo dos membros da Academia Brasileira de Letras é de reprovação pelo
17 Português ainda estar vivo. Eles só estão esperando, fardados, que o Português morra, para poderem carregar o
18 caixão e escrever sua autópsia definitiva. É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a
19 Gramática é a estrutura da língua, mas sozinha não diz nada, não tem futuro. As múmias conversam entre si em
20 Gramática pura.

21 Claro que eu não disse tudo isso para meus entrevistadores. E adverti que minha implicância com a Gramática,
22 na certa, se devia à minha pouca intimidade com ela. Sempre fui péssimo em Português. Mas – isso eu disse – vejam,
23 vocês, a intimidade com a Gramática é tão indispensável, que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total

24 inocência na matéria. Sou um gigolô das palavras. Vivo às suas custas. E tenho com elas exemplar conduta de um
25 cáften profissional. Abuso delas. Só uso as que eu conheço, as desconhecidas são perigosas e potencialmente
26 traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro, peço delas flexões inomináveis, para satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-
27 as, sem dúvida. E jamais me deixo dominar por elas. Não me meto na sua vida particular. Não me interessa seu
28 passado, suas origens, sua família nem o que outros já fizeram com elas. Se bem que não tenha também o mínimo
29 escrúpulo em roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. As palavras, afinal, vivem na boca do povo.
30 São faladíssimas. Algumas são de baixíssimo calão. Não merecem o mínimo respeito.

31 Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quanto um
32 gigolô que se apaixonasse pelo seu plantel. Acabaria tratando-as com a deferência de um namorado ou com a tediosa
33 formalidade de um marido. A palavra seria a sua patroa! Com que cuidados, com que temores e obséquios ele
34 consentiria em sair com elas em público, alvo da impiedosa atenção de lexicógrafos, etimologistas e colegas. Acabaria
35 impotente, incapaz de uma conjunção. A Gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. O gigolô das palavras. In: _____. **Para gostar de ler**; Luís Fernando Veríssimo: o nariz e outras crônicas. 10 ed. v. 14. São Paulo: Ática, 2002. p. 77-8.

39. Sobre a linguagem utilizada pelo autor, associe (V) para as afirmativas verdadeiras ou (F) para as falsas.

- I. () O autor, famoso por produzir crônicas para os jornais, propositadamente, não segue à risca o que determina a gramática.
- II. () Distante de uma tradição da norma culta, por muitas vezes, o coloquialismo é presente em seus textos, chegando a fazer parte do seu estilo.
- III. () Mesmo defendendo que seguir a Gramática seja imprescindível, o autor opta por uma clareza vocabular, a fim de tornar-se acessível a todos os leitores.
- IV. () Como exímio usuário da língua e com notório saber gramatical, o autor faz de seus textos fonte de conhecimento vernacular da língua.
- V. () O autor defende o bom senso no uso da língua, em vez de um purismo gramatical, muitas vezes incompreensível a muitos.

A sequência **correta** é

- | | |
|-------------------|-------------------|
| A) V, F, V, F, V. | B) F, V, V, V, F. |
| C) V, V, F, F, V. | D) V, F, F, V, F. |
| E) F, V, F, V, F. | |

40. A linguagem metafórica se apresenta na passagem da opção

- A) “A sintaxe é uma questão de uso” (linha 11).
- B) “Já estava até preparando, às pressas, minha defesa” (linha 6).
- C) “Algumas são de baixíssimo calão” (linha 30).
- D) “A palavra seria a sua patroa!” (linha 33).
- E) “Acabaria impotente, incapaz de uma conjunção” (linhas 34 e 35).

As questões de 41 a 44 baseiam-se no texto 4.

TEXTO 4 – ERRO DE PORTUGUÊS (Oswald de Andrade)

- 1 “Quando o português chegou
- 2 Debaixo duma bruta chuva
- 3 Vestiu o índio
- 4 Que pena! Fosse uma manhã de sol
- 5 O índio tinha despido
- 6 O português”.

Disponível em: <https://niltonfelipe.wordpress.com/2012/10/21/erro-de-portugues-poema-de-oswald-de-andrade/>. Acesso em 2 nov. 2016.

41. Acerca do contexto de que trata o poema,

- A) o abrangente contexto apresentado no poema remete à ideia da influência que a língua sofre de acordo com o meio em que está e com o povo que a utiliza, confirmando, assim, a antropofagia proposta pelo poeta.
- B) num contexto mais amplo, a relação que se estabelece entre colonizador e colonizado é fator determinante para a questão da dominação das variantes prestigiadas sobre as desprestigiadas.
- C) o autor banaliza o discurso da metalinguagem acerca da noção de “erro de português”, associando-o a um equívoco histórico causado pelas condições climáticas do contexto imediato referido no texto.

25 De uma das coisas mais profundas do Brasil profundo de Mário de Andrade, teceu-se a fala de Gonçalo M.
26 Tavares. O tempo lento. Interiorano, interior, o tempo de só ser. A desaceleração. Gonçalo afirma que a maioria de
27 nós vive como imortais, quando não somos. Desperdiçamos nosso tempo, precioso e finito, ou precioso porque finito,
28 saindo com alguém que sabemos que é chato, indo assistir a um filme que já sabemos médio. Comenta ele que, em
29 Portugal, há agora, nas escolas, uma atividade chamada “ocupação do tempo livre”, o que em si é uma insanidade e da
30 qual as crianças fogem e vão se esconder no banheiro (que em Portugal é casa-de-banho), muito compreensivelmente.
31 Não há como viver sem espaços livres, não há criação sem ócio. Sem ócio não há negócio. Schopenhauer sustentava
32 que a vida dos eruditos é, na grande maioria, intelectualmente muito pobre, porque só leem, da manhã à noite, e não
33 dão-se a si mesmos espaços para livre pensar. Apenas acumulam informação. O oposto do erudito Mário, que
34 descobriu que não era na eruditeza livresca que morava o que realmente lhe interessava. Como disse em uma das
35 primeiras cartas da correspondência com um então jovem Carlos Drummond: ... “Eu acho, Drummond, pensando bem,
36 que o que falta pra certos moços de tendência modernista brasileiros é isso: gostarem de verdade da vida. Como não
37 atinaram com o verdadeiro jeito de gostar da vida, cansam-se, ficam tristes ou então fingem alegria, o que ainda é
38 mais idiota do que ser sinceramente triste. Eu não posso compreender um homem de gabinete, e vocês todos, do Rio,
39 de Minas, do Norte me parecem um pouco de gabinete demais.” ...

40 No tempo de Mário, não havia internet. O poeta não viveu essa nossa angústia da velocidade de que Gonçalo
41 falou tão andradinamente. Velocidade não é bom para tudo. Não serve para tudo. Saber agora que algo é lento gera
42 impaciência, mas ser lento não é necessariamente defeito. Na escrita, para que ela seja lapidada, polida, enxugada,
43 essencializada, que melhore enquanto escrita, leva tempo. Dura enquanto dura. Só o tempo opera a condensação de
44 24 laudas iniciais em duas finais, para dizer rigorosamente a mesma coisa. Já entendemos que não temos como
45 assimilar tanta informação disponível e essa frustração é do tamanho de um luto: sabemos que não poderemos ler
46 todos os clássicos ou todos os contemporâneos no tempo de uma vida. No tempo de Mário, tinha-se uma única
47 certeza nesta vida. Agora temos duas. Então não adianta correr, ter mais e mais velocidade por muito menos, jamais
48 conseguiremos; não adianta não viver o presente em velocidade máxima, daremos no mesmo lugar. Vamos com
49 calma, devagar com o andor. Range rege. Ai! que preguiça!...

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/o-gajo-ocio-a-rede-16738272/>. Acesso em 2 nov. 2016.

45. Sobre as ideias principais do texto, considere as seguintes afirmativas.

- I. Segundo a autora, o abrasileiramento da nossa língua escrita se justifica pelas particularidades de nossa cultura, retratado na obra do escritor homenageado.
- II. A tradução do livro da poeta reforça o argumento de que as diferenças lexicais entre os países comprometem a compreensão de alguns termos presentes no livro.
- III. A autora estabelece a relação entre o tempo lento, o ócio, com a produtividade criativa, vendo-o como um tempo livre que poderia ser ocupado com mais produção.
- IV. Na transcrição para Drummond, Mário critica o fato de faltar aos brasileiros gostarem da vida e, como consequência, fingem ficar tristes.

São **verdadeiras**:

- | | |
|--------------|-------------|
| A) II e IV. | B) I e III. |
| C) II e III. | D) I e IV. |
| E) I e II. | |

46. Acerca do trecho “Ai! Que preguiça!” (linha 49), é **verdadeira** a afirmativa

- A) faz uma alusão explícita à tradicional fala de Macunaíma, o herói sem caráter, de Mário de Andrade.
- B) representa uma fala original sua que caracteriza uma manifestação tipicamente do brasileiro.
- C) é uma adaptação feita pela autora, de uma fala de um personagem de um de seus romances, que apresenta traços de uma identidade do brasileiro.
- D) é uma referência explícita ao caráter do brasileiro, cuja crítica feita por Mário de Andrade é retomada pela autora num tom de deboche.
- E) representa uma exaltação feita pela autora à cultura brasileira, parafraseando Mário de Andrade, com um dos personagens criados por ela.

47. Está diretamente associado a um dos três termos que compõem o título o trecho da opção

- A) Rede: “Em Portugal, diz-se normalmente que nós, brasileiros, falamos brasileiro e eles, portugueses, português” (linhas 4 e 5).
- B) Gajo: “Desperdiçamos nosso tempo, precioso e finito, ou precioso porque finito, saindo com alguém que sabemos que é chato” (linhas 27 e 28).
- C) Ócio: “Evidente que o escrever brasileiro que Mário almejava é muito mais do que isso, muito mais profundo” (linhas 21 e 22).

53. A regência do verbo assistir, em “indo assistir a um filme” (linha 28), está de acordo com as regras da gramática normativa. A regência do verbo destacado também foi preservada em
- A) **Preferimos** mais lutar do que desistir.
 - B) Os portugueses **chegaram** ontem no litoral brasileiro.
 - C) Os candidatos **aludiram** as notas das provas.
 - D) Ter um lugar tranquilo para trabalhar era tudo a que ele **aspirava**.
 - E) **Avise** os guardas que eles precisam dormir.
54. No período “Gonçalo afirma que a maioria de nós **vive** como imortais” (linhas 26 e 27), admite-se, quanto à concordância verbal, que o verbo destacado seja empregado tanto no singular quanto no plural. O verbo destacado, assim como nesse caso, também pode ser empregado tanto no singular quanto no plural, em
- A) 90% do grupo **participou** da manifestação contrária ao Governo.
 - B) Fui eu que te **emprestei** o livro.
 - C) Mais de uma autor não **identificou** as alterações realizadas pelo revisor.
 - D) Brasil ou Portugal **vencerá** o amistoso do próximo ano.
 - E) Qual de nós **concluiu** o trabalho solicitado?
55. Para que se respeite a concordância verbal, será preciso corrigir a frase
- A) Que dúvidas têm sido propaladas sobre as vantagens da velocidade?
 - B) Têm sido levantadas dúvidas sobre as vantagens da velocidade.
 - C) Será que a velocidade do mundo contemporâneo tem suscitado dúvidas sobre suas vantagens?
 - D) Agora, têm havido dúvidas sobre as vantagens da velocidade.
 - E) A quantas dúvidas tem dado margem a velocidade contemporânea?

As questões de 56 a 60 dizem respeito ao Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa e ao Manual de Redação Oficial da Presidência da República.

56. A expressão de tratamento está **corretamente** abreviada em
- A) Col. para Coronel.
 - B) SS. para Santíssimo.
 - C) Desem. para Desembargador.
 - D) Escrit. para Escritor.
 - E) Diáco. para Diácono.
57. O endereçamento de comunicações às autoridades tratadas por Vossa Excelência, no envelope, está **correta** em
- A) Ao Eminentíssimo Senhor
Fulano de Tal
Cargo
 - B) À Vossa Excelência
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
CEP – Brasília.DF
 - C) A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Cargo
CEP – Brasília.DF
 - D) Ao Magnífico Senhor
Fulano de Tal
Cargo
CEP – Brasília.DF
 - E) À Vossa Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Cargo
58. Ao Sr. Revisor de Textos do IFCE.
Assunto: revisão do material de divulgação dos Cursos Técnicos.
- Considerando-se o fragmento de documento acima transcrito, é **correto** afirmar-se que se trata de
- A) memorando.
 - B) aviso.
 - C) petição.
 - D) apostila.
 - E) requerimento.

- 59.** Os documentos, em que é adotado o padrão ofício, diferenciam-se antes pela finalidade do que pela forma. Fazem parte desse padrão:
- A) Aviso, Memorando e Carta.
 - B) Aviso, Ofício e Memorando.
 - C) Parecer, Ofício e Memorando.
 - D) Parecer, Carta e Apostila.
 - E) Parecer, Ofício e Carta.
- 60.** A Redação Oficial deve caracterizar-se pela impessoalidade, pelo uso do padrão culto de linguagem, pela clareza, pela concisão, pela formalidade e pela uniformidade. Esses atributos advêm da Constituição, segundo a qual a administração pública obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência. Desses princípios, os que norteiam a elaboração dos atos e comunicações oficiais são
- A) publicidade e impessoalidade.
 - B) publicidade e eficiência.
 - C) eficiência e impessoalidade.
 - D) impessoalidade e moralidade.
 - E) impessoalidade e legalidade.